

Rubem
Braga

Um indagador de mau-gôsto

UM espírito de porco ou amigo da onça escreveu a MANCHETE sugerindo dez reportagens. Chama-se êsse leitor Alberto Ferreira, e suas sugestões foram publicadas no último número da revista, na seção "O Leitor em MANCHETE". Resposta da redação: "As idéias são boas e procuraremos aproveitá-las na medida do possível."

É mentira, Alberto Ferreira. Mentira do Justino ou de quem respondeu por êle. As idéias são más: para qué diabo você quer saber o que foi feito de MacArthur e do engenheiro Yedo Fiuza — e ainda mais dêsse tal Ayres da Cunha, viúvo da índiazinha Diacuí?

Essa gente foi notícia; não é mais. Os arquivos da imprensa guardam melancolicamente suas fotografias: os três continuam vivos (e esperemos que gozem de boa saúde), mas jornalisticamente não existem mais: morreram. Só ressuscitarão (e isso apenas os dois primeiros, o terceiro morreu de uma vez e se não fôsse sua carta ninguém jamais se recordaria de seu nome), só ressuscitarão, ia eu dizendo, quando morrerem na vida civil. Então uma notinha lembrará que em tal década fulano ficou famoso pela sua campanha anticomunista nos Estados Unidos e sicrano por ter sido candidato comunista no Brasil. A campanha cessou, o candidato perdeu, os dois sumiram, acabaram.

E o foguete Félix I, que técnicos de nosso Exército iam soltar no espaço com um gato dentro? Êsse foguete ficará talvez em nossa história militar, daqui a alguns séculos, devido a uma natural confusão dos historiadores, como um engenho de guerra usado na famosa Batalha de Itararé, a maior da América do Sul, que não houve. Na verdade ocorreu

que algum general foi contra, porque o foguete não era seu, era de outrem, e acontece que nem sequer êsse outrem era um general, era um coronel. Resultado: o coronel foi convidado a deixar de ser fogueteiro, o gatinho ficou em paz e não se fala mais nisso.

O leitor também pergunta se o Sr. Janot Pacheco ainda faz chuvas — isso numa semana de temporais e trombas d'água que mataram gente e estragaram casas e lavouras em muitas partes do Brasil, desde Santa Catarina até o Espírito Santo!

A última pergunta é sobre a zona de litígio entre o Espírito Santo e Minas. "A quantas anda?" Não anda, rapaz. A zona está parada, e o litígio também. Maiores informações podem ser obtidas com o Sr. Juscelino Kubitschek que, quando era candidato, prometeu repetida e solenemente ao povo do Espírito Santo, empenhando sua palavra de mineiro e de futuro Presidente da República, que daria uma solução rápida e satisfatória ao caso. Não é de mau-gôsto mexer nesse assunto agora?

Devo dizer, aliás, que já visitei a zona contestada. Lá há muita gente aflita, que não sabe se é mineira ou capixaba, aonde registra o filho ou passa escritura da fazenda. Mas há também muito comerciante feliz: não paga impôsto a Minas nem ao Espírito Santo, por uma questão de equidade — e muito menos ao Governo Federal. Essa gente não é carne nem peixe e vive esquecida pelo Brasil, o que pode ser melancólico mas é cômodo: o Brasil é um país que dá prejuízo ao brasileiro. Estou pensando seriamente em me mudar para lá — onde, entre outras vantagens, não existem revistas, nem leitores que escrevem cartas a revistas fazendo perguntas como as suas...